ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2171.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

ENCONTROS E RITUAIS DE DESPEDIDA EM VELÓRIOS FAMILIARES: ESTRANHAMENTOS EM UMA TRAJETÓRIA AINDA EM CURSO

ENCOUNTERS AND FAREWELL RITUALS IN FAMILY WAKES: UNCANNINESS IN AN ONGOING TRAJECTORY

Diana Léia Alencar da Silva[1]

[1] Graduada em Pedagogia e Letras. Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), é docente no Afya Bahia Centro Universitário e integra o Grupo de Pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética (Fabep-UCSal). Email: dianaleia.silva@ucsal.edu.br.

Recebido: 29/04/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: Este relato revisita, a partir da memória, os rituais de velório vivenciados no âmbito familiar em uma cidade do território do Velho Chico, evidenciando seu papel na construção de sentidos coletivos diante da morte. Para tal, descreve práticas que articulam convivência, fé e cuidado e contrasta essas vivências com a brevidade dos funerais contemporâneos, especialmente após a pandemia. Por fim, questiona o esvaziamento dos rituais na atualidade e reivindica a importância de temporalidades mais dilatadas para a elaboração simbólica da perda.

Palavras-chave: Velórios contemporâneos. Esvaziamentos dos rituais. Sentidos dos funerais.

ABSTRACT: This account revisits, from memory, funeral rituals experienced within the family in a city in the Velho Chico region, highlighting their role in the construction of collective meanings in the face of death. To this end, it describes practices that intertwine coexistence, faith, and care, and contrasts these experiences with the brevity of contemporary funerals, especially in the aftermath of the pandemic. Finally, it questions the erosion of rituals in the present day and emphasizes the importance of more extended temporalities for the symbolic elaboration of loss.

Keywords: Contemporary wakes. Erosion of rituals. Meanings of funerals.

ENCONTROS QUE VELAM, ESTRANHAMENTOS QUE ATRAVESSAM: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este relato autoetnográfico, fundamentado nos princípios da Autoetnografia à Deriva descrita por Elaine Pedreira Rabinovich e Diana Léia Alencar da Silva (2025), inscreve-se em uma trajetória ainda em curso, na qual memória e experiência se entrelaçam para revisitar os encontros e rituais de despedida vivenciados em velórios familiares no território do Velho Chico. Ao

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

retomar essas práticas em um território familiar à autora (Silva; Rabinovich, 2024; Silva, 2025), busca-se compreender como tais encontros, mediados por gestos, temporalidades e simbolismos, operam na construção de sentidos coletivos diante da morte. Inspirado nas reflexões de Byung-Chul Han (2021), busca-se evidenciar como esses modos de despedir-se produzem pertencimento e sustentam o estar-em-comum. Contudo, ao contrastar essas experiências com vivências recentes, emergem estranhamentos que tensionam continuidades e rupturas, especialmente em um tempo marcado pela aceleração e pela fluidez, conforme problematiza Zygmunt Bauman (2021). Entre encontros e ausências, o relato acompanha, assim, um percurso que ainda se faz, e se refaz, conforme visto a seguir.

ENTRE O ENCASAMENTO E O DESENCASAMENTO: RITUAIS, TEMPO E EXPERIÊNCIA EM VELÓRIOS

Aprendi, ainda em criança, que o lugar de velar um(a) ente querido(a) falecido(a) era em um caixão, na sala principal da casa de sua família. Era ali, naquele espaço de convivência e de hospitalidade doméstica, que familiares e amigos se encontravam e se revezavam durante o dia e a madrugada, para iniciar as últimas homenagens e despedidas ao(à) falecido(a). Afirmo que esse momento, em minha família, era apenas o início, pois o ritual de despedida se estendia no tempo, entre visitas à cova, missas e o processo de luto, prolongando-se, para os mais próximos, por todo um ano. Esses rituais, comuns também a outras famílias da cidade do Velho Chico onde nasci, não apenas transmitiam e representavam valores da nossa comunidade, mas se constituíam, na como na perfeita formulação de Han (2021, p. 11), em “técnicas simbólicas de encasamento”, contribuindo para transformar o nosso “estar-no-mundo” em um “estar-em-casa” (Ibidem, p. 11).

Recordo que as providências, assim como as mudanças na rotina da família e na organização da casa para o velório, eram múltiplas e incluíam, além dos trâmites para o sepultamento e da escolha da roupa do(a) falecido(a), a preparação de mensagens para anunciar o falecimento nos alto-falantes da praça e em carros de som. Não sem razão, como observa Han (2021, p. 16),

"rituais são também uma práxis simbólica, uma práxis do *symbállein*, ao reunirem as pessoas em uma totalidade, uma comunidade".

Os rituais do velório implicavam ainda transformações no espaço doméstico para acolher parentes e amigos vindos de outras cidades. Em famílias extensas e numerosas, como a minha, era comum que aqueles(las) em trânsito pernoitassem na casa do(a) falecido(a) ou em lares de parentes próximos. Para eles(as), providenciavam-se não apenas acomodações, mas também todas as refeições, quase sempre preparadas na casa onde o(a) ente querido(a) era velado(a). Era assim que o aroma do café parecia rivalizar com o odor intenso dos cravos-de-defunto e das velas, próximos ao caixão. Esses odores, de certo modo, pareciam também dissipar antigos desafetos, em um momento que se configurava como um encontro de pessoas que dizíamos serem 'as nossas'" (Pierron, 2010). Em outras palavras, era uma reunião de subjetividades singulares, com segredos, afetos e desafetos, geradores de aproximações e, por vezes, de distanciamentos, perfeitamente traduzido como família.

No velório, o(a) falecido(a), ao centro da sala, em caixão aberto, era recomendado(a) a Deus por meio de preces espontâneas e orações aprendidas, entre as quais se destacavam o Pai-Nosso e a Ave-Maria, repetidos também na reza do Santo Terço ao longo da vigília. Em outros espaços, como à porta da casa, o(a) falecido(a) tornava-se também presença na prosa, em cadências nem sempre de reza: seus feitos e artimanhas, relembrados mais entre risos do que entre choros, pareciam, por instantes, devolvê-lo(a) à vida. Alimentada por bules de café e potes de petas e, não raramente, por garrafas de cachaça discretamente reprovadas pelas mulheres, essa prosa avançava pela madrugada, muitas vezes ao redor de uma fogueira acesa na rua de terra, à frente da casa. Anos mais tarde, compreendi que a fogueira, segundo crenças locais, não era apenas ponto de encontro, mas também fonte de luz e proteção para o(a) falecido(a) em sua travessia.

À madrugada sucedia-se o movimento dos primeiros instantes do dia: era tempo das últimas rezas e da preparação para a caminhada até a igreja e, depois, ao cemitério. O fechamento do caixão parecia, então, tornar mais concreta a ausência, fazendo emergir a saudade que passaria a acompanhar a

família. Não por acaso, o choro, até então contido, irrompia com mais intensidade entre os presentes.

A caminhada até a igreja, embalada por cânticos conhecidos, organizava-se em procissão. À frente, o caixão, agora fechado, era conduzido por mãos amigas que se revezavam no percurso, levando o(a) falecido(a) até o espaço sagrado da família. Ali, entre fé, esperança e oração, buscava-se sustentar a crença na vida eterna e no consolo divino diante da dor.

Após a bênção, que incluía o aspergir com água benta e as orações pela alma do(a) falecido(a) e por seus familiares, o cortejo seguia até o cemitério. Recordo que o percurso até a cova aberta, entre túmulos simples cobertos de areia e marcados por cruzes de madeira, era feito em silêncio respeitoso, rompido apenas por choros esparsos. Era o momento de, após novas orações e o acender de velas, devolver o corpo à terra, conforme a compreensão bíblica que orienta minha família: do pó viemos e ao pó retornaremos.

Concluído o sepultamento, o retorno para casa reunia novamente um grupo numeroso, que extrapolava o núcleo familiar. Nesse contexto, palavras de consolo, iluminadas pela vela de sete dias acesa em intenção da alma do falecido, pareciam suavizar a dor e apaziguar o luto.

Após sete dias, retornava-se ao cemitério para a entrega da cruz, símbolo da morte, mas sobretudo da ressurreição de Jesus Cristo e da esperança na vida eterna. Esse momento era seguido por uma missa, geralmente à noite, na qual familiares e amigos se reuniam para pedir a remissão dos pecados e o descanso eterno do(a) ente querido(a). O ritual se repetia após trinta dias e, novamente, ao completar um ano.

Durante esse ano, o(a) falecido(a) permanecia presente no cotidiano: nas roupas escuras do luto fechado, depois substituídas pelo branco; nas ausências às festas; e, sobretudo, nas rezas diárias às 18 horas, quando o tempo parecia suspender-se entre o céu e a terra. Essas práticas não eram vividas como fardo, mas como um modo de atravessar o luto, ressignificando vínculos e preservando a continuidade simbólica da vida.

Recentemente, ao participar de um velório em Salvador, no curto intervalo de um dia de trabalho, senti de forma intensa a falta desses rituais. No vazio simbólico deixado por essa ausência, experimentei aquilo que Han (2021)

denomina desencasamento: o mundo tornou-se, por instantes, menos habitável e menos confiável. Sem fogueiras, hoje substituídas por holofotes, e sob a lógica da brevidade, vivi a aceleração do tempo que se intensificou após a pandemia de COVID-19, quando funerais foram reduzidos e despedidas, muitas vezes, impossibilitadas. Ainda que tais restrições tenham sido flexibilizadas, a rapidez permanece, sobretudo nos grandes centros urbanos. Nesse cenário, experienciamos a fluidez de um mundo que, impulsionado pelo imediatismo e pelo consumo, torna-se cada vez mais líquido (Bauman, 2021), esvaziando rituais que outrora sustentavam sentidos e pertencimentos.

Reconheço que os significados da vida e da morte, assim como os rituais de despedida, variam conforme culturas, crenças e tempos históricos. Reconheço também que o luto se manifesta de maneiras diversas. Ainda assim, reivindico a legitimidade de um tempo mais dilatado para vivê-lo, quando necessário, um tempo que não apresse os rituais. Talvez seja nesse tempo alargado, sustentado pela presença e pelo cuidado dos outros, que possamos melhor nos (re)estruturar diante da perda, mesmo em um mundo que insiste em nos apressar.

ONDE O TEMPO AINDA APRENDE A VELAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste relato, compreendo que os rituais parecer não apenas acompanhar a morte, mas sustentam, sobretudo, aos vivos. Nesse sentido, são como fios invisíveis que entre gestos, palavras e silêncios, mantêm a vida habitável mesmo diante da ausência. Foi nesses encontros, repetidos ao longo do tempo, que aprendi que velar não é apenas despedir-se, mas permanecer, de algum modo, com quem parte.

Hoje, diante de um mundo que apressa o luto e encurta os ritos, o que se perde não é somente a forma, mas a possibilidade de partilhas. Quando o tempo se contrai, a ausência se torna mais abrupta, menos acolhida, mais solitária. E talvez seja esse o maior estranhamento: não a morte em si, mas a sua travessia sem morada simbólica. Ainda assim, algo resiste. Persiste na memória dos corpos que aprenderam a rezar juntos, a chorar juntos, a esperar juntos. Persiste na lembrança do café que aquecia madrugadas, da fogueira que iluminava caminhos, das vozes que, entre rezas e risos, insistiam em manter o outro

presente. É nesse lugar, entre o que se foi e o que ainda insiste em permanecer, que este relato se encerra sem se fechar. Porque o luto, assim como os rituais que o sustentam, não se conclui: ele se transforma, se desloca, se reinscreve no tempo.

Talvez, então, mais do que reivindicar o retorno de formas passadas, seja preciso reaprender a habitar o tempo. Um tempo que não se mede pela urgência, mas pela possibilidade de cuidar, de lembrar e de significar. Um tempo que, ao se alongar, nos devolve não apenas a dor, mas também a condição de juntos, atravessá-la.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt**. Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. São Paulo: Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**: uma topologia do presente. Trad. Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.

PIERRON, Jean-Plilippe. La photo de famille. Entre ressemblance et reconnaissance. **Le Divan familial**, v. 24, n. 1, p. 167-181, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.3917/difa.024.0167. Acesso em: 01 abr. 2023.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Diana Léia Alencar (Orgs.) **Teoria e Prática da Autoetnografia à Deriva** Curitiba: CRV, 2025. DOI: https://doi.org/10.24824/978652518105.9

SILVA, Diana Léia Alencar; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Legados das ribeirinhas do Velho Chico: autoetnografia de uma beiradeira. **Revista Ouricuri**, Brasil, v. 14, n. 1, p. 71–85, 2024. DOI: 10.59360/ouricuri.vol14.i1.a18420. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/ouricuri/article/view/18420. Acesso em: 29 abr. 2026.

SILVA, Diana Léia Alencar. Um jirau, um pilão e a educação: ancestralidade nos legados intergeracionais de mulheres do Velho Chico. 2025. 298 f. **Tese** (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2025. Disponível em: https://ri.ucsal.br/handle/123456789/5807. Acesso em: 29 abr. 2026.